

## SAÚDE MENTAL DE MADRASTAS EM FAMÍLIAS RECOMPOSTAS À LUZ DA PSICOLOGIA SOCIAL

1. Paula Silva Ribeiro<sup>1</sup>
2. Bruna Myrla Ribeiro Freire<sup>2</sup>

### RESUMO

O crescimento das famílias recompostas tem revelado novos desafios emocionais e relacionais, especialmente para as mulheres que ocupam o papel de madrasta. Este artigo apresenta uma revisão narrativa da literatura sob a ótica da Psicologia Social, com foco nos impactos subjetivos e sociais que afetam a saúde mental das madrastas. A análise discute como as representações sociais, os papéis de gênero, as expectativas familiares e o estigma cultural associado à figura da madrasta influenciam a construção da identidade e o bem-estar psicológico dessas mulheres. Os resultados apontam que as madrastas vivenciam sentimentos de ambivalência, culpa, ansiedade e invisibilidade simbólica, resultantes da ausência de reconhecimento e da sobrecarga emocional do papel que exercem. Conclui-se que a saúde mental das madrastas é fortemente atravessada por fatores psicossociais e culturais, demandando políticas públicas e práticas clínicas que ampliem a escuta, o reconhecimento e o apoio a essas mulheres.

**Palavras-chave:** madrastas; saúde mental; famílias recompostas; psicologia social; representações sociais.

### 1 INTRODUÇÃO

As transformações nas estruturas familiares contemporâneas, marcadas pelo aumento das famílias recompostas, têm trazido à tona novos arranjos relacionais e papéis parentais que desafiam os modelos tradicionais (Giddens, 2002; Sarti, 2004).

Nesse contexto, a figura da madrasta ocupa um lugar simbólico ambíguo, frequentemente permeado por estigmas culturais e invisibilidade social (Finch, 2007).

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário Ateneu – UNIATENEU.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Ateneu – UNIATENEU.

Segundo Bettelheim (2019), a madrasta aparece nos contos de fadas como figura destinada a receber a projeção dos aspectos negativos da maternidade, permitindo que a mãe biológica seja preservada simbolicamente como objeto de amor.

A associação da madrasta à figura maléfica é fortemente reforçada pelos contos de fadas da tradição ocidental, nos quais ela aparece como antagonista central, encarnando a inveja, a crueldade e a ruptura da ordem familiar (Zipes, 2006).

Historicamente, esta associação das madrastas a narrativas negativas, dificultam o reconhecimento destas mulheres e sua função afetiva e relacional. Tais representações sociais, segundo a Psicologia Social, não são neutras: moldam a percepção que o indivíduo tem de si e influenciam diretamente sua saúde mental (Moscovici, 1984; Jodelet, 2001).

Investigar o sofrimento psíquico das madrastas sob o olhar da Psicologia Social significa compreender como as interações sociais, os papéis de gênero e os processos de categorização simbólica impactam suas vivências emocionais (Tajfel & Turner, 1986; Butler, 2003). Essa análise revela que os sentidos atribuídos socialmente às madrastas — frequentemente marcados pela desconfiança, pela expectativa de cuidado e pela não legitimação afetiva — influenciam significativamente sua identidade social e seu bem-estar subjetivo.

Assim, o presente artigo propõe uma análise dos fatores psicossociais que contribuem para a vulnerabilidade emocional dessas mulheres, considerando o modo como o contexto social e as representações coletivas estruturam seu lugar dentro das famílias recompostas (Bourdieu, 1999; Jodelet, 2005).

## **2 OBJETIVO**

O objetivo geral deste estudo é analisar, sob a perspectiva da Psicologia Social, os impactos emocionais e relacionais vivenciados por madrastas em famílias recompostas, com foco em sua saúde mental. Especificamente, busca compreender os papéis, os conflitos identitários e as representações sociais enfrentadas por essas mulheres, identificar os fatores psicossociais que afetam sua saúde mental — como invisibilidade simbólica, sobrecarga, rejeição e ambivalência afetiva — e levantar possibilidades de intervenção psicológica e social que favoreçam o bem-estar e o reconhecimento do papel da madrasta no contexto familiar.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, voltada à análise interpretativa e reflexiva de produções acadêmicas sobre a experiência psicológica e social de madrastas em famílias recompostas.

As bases de dados consultadas foram SciELO, PePSIC, PsycINFO, Google Scholar e PubMed, considerando publicações em português, inglês e espanhol entre 2000 e 2024. Foram incluídos estudos que abordassem o papel da madrasta sob perspectivas da Psicologia Social, das representações sociais, da saúde mental e das relações familiares.

Critérios de exclusão: estudos de cunho exclusivamente jurídico, pedagógico ou sistêmico; textos sem abordagem psicológica; e publicações sem revisão por pares.

A análise seguiu o método de análise temática de conteúdo (Bardin, 2011), permitindo a identificação de categorias emergentes como: estigma e representações sociais da madrasta, ambiguidade de papéis, sofrimento emocional, estratégias de enfrentamento e necessidade de reconhecimento social.

### 4 RESULTADOS

A literatura analisada evidenciou que as madrastas vivenciam intensos conflitos identitários e emocionais decorrentes da ausência de pertencimento e do impacto das representações sociais negativas associadas a esse papel.

Diversos estudos indicam que essas mulheres enfrentam uma dupla exigência social: de um lado, espera-se que assumam funções de cuidado e envolvimento afetivo típicas da maternidade; de outro, são constantemente lembradas de que não devem ultrapassar o limite simbólico imposto pela figura da mãe biológica (Leite, 2019; Papernow, 2013; Scholtz & Spies, 2023).

Essa ambiguidade relacional produz sentimentos de ansiedade, culpa e insegurança, frequentemente associados ao desenvolvimento de sintomas depressivos e ao estresse emocional prolongado (Scholtz & Spies, 2023; Womack, 2014).

Sob a ótica da Psicologia Social, compreende-se que tais experiências estão vinculadas às representações socialmente construídas da figura da madrasta, historicamente associada a imagens de rivalidade, rejeição e ameaça.

A teoria das representações sociais de Moscovici (1984) permite entender esse processo, ao mostrar como os significados compartilhados socialmente são interiorizados e passam a influenciar a percepção de si e dos outros. Assim, a imagem da madrasta como “intrusa” ou “figura substituta” torna-se um elemento simbólico que interfere na autoestima, no reconhecimento social e na legitimidade afetiva dessas mulheres.

Estudos contemporâneos também apontam que as madrastas sofrem com a falta de reconhecimento social de seu papel e com a dificuldade em estabelecer fronteiras relacionais claras dentro das famílias recompostas (Leite, 2019; Scholtz & Spies, 2023).

A literatura sobre identidade social e papéis de gênero indica que essas mulheres são impactadas por expectativas de comportamento feminino pautadas em modelos tradicionais de maternidade e cuidado, o que intensifica sua sobrecarga emocional e a sensação de inadequação (Gaulejac, 1991; Leite, 2019).

Além disso, observa-se a carência de políticas públicas e de serviços psicológicos voltados especificamente a famílias recompostas, o que contribui para a invisibilidade e o isolamento vividos por essas mulheres (Scholtz & Spies, 2023). Entretanto, estudos de abordagem psicossocial ressaltam que o diálogo conjugal, o reconhecimento por parte do(a) parceiro(a) e o apoio de redes sociais significativas podem funcionar como fatores de proteção, fortalecendo o bem-estar subjetivo e a resiliência emocional das madrastas (Leite, 2019; Papernow, 2013).

## **5 DISCUSSÃO**

Sob a ótica da Psicologia Social, a saúde mental das madrastas não pode ser compreendida isoladamente, mas como resultado das relações sociais e simbólicas que estruturam a experiência do ser madrasta. As representações coletivas — construídas pela cultura, pela mídia e pelas tradições — definem os contornos do papel e moldam as expectativas que recaem sobre essas mulheres.

A análise revela que o sofrimento psicológico das madrastas é de natureza psicossocial, emergindo da tensão entre o desejo de pertencimento e a exclusão simbólica. O olhar social que legitima a maternidade biológica e desqualifica os vínculos afetivos não biológicos cria um campo de vulnerabilidade emocional que precisa ser reconhecido.

A Psicologia Social, ao integrar o estudo da subjetividade e do contexto social, oferece ferramentas conceituais para compreender como o estigma, os papéis de gênero e as relações de poder impactam o psiquismo. Assim, o cuidado com a saúde mental das madrastas exige intervenções que articulem dimensões individuais e coletivas, promovendo o reconhecimento social e o fortalecimento de redes de apoio.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as madrastas em famílias recompostas enfrentam sofrimento emocional significativo, decorrente da ambiguidade de papéis e da falta de legitimidade social.

A Psicologia Social mostrou-se uma abordagem eficaz para compreender como fatores simbólicos e relacionais afetam a identidade e a saúde mental dessas mulheres.

Profissionais da Psicologia devem considerar a madrasta como sujeito de escuta e acolhimento, reconhecendo as especificidades de seu papel. Recomenda-se o desenvolvimento de programas de apoio psicossocial, grupos de reflexão e campanhas de conscientização sobre os novos arranjos familiares.

Há necessidade de novas pesquisas empíricas, especialmente no Brasil, que investiguem o impacto das representações sociais sobre o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento dessas mulheres. A visibilidade da madrasta é um passo essencial para a promoção de sua saúde mental e para o reconhecimento de sua função afetiva no contexto das famílias contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FINCH, J. Displaying families. *Sociology*, v. 41, n. 1, p. 65–81, 2007.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 2002.

JODELET, D. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JODELET, D. Representações sociais: práticas e campo social. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 3, p. 21–32, 2005.

KARSKY, J. L. (1999). *The Relationship Between Stepmothers' Social Structure and Self-structure: A Use of Symbolic Interactionism and Role Theory* (PhD Thesis). South Dakota State University, 1999.

LEITE, C. M. Madrastas contemporâneas: amor, rejeição e construção de vínculos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v.21 (1), p. 72–89, 2019.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHOLTZ, S. E., & SPIES, R. (2023). *Where is the research about stepmothers? A scoping review*. *Psych*, 5(1), 209–223. Disponível em < <https://doi.org/10.3390/psych5010016> >. Acesso em: 15 de outubro de 2025.

SEVIER, S. F. (1999). *The Stepmother: In Search of Self* (Doctoral Dissertation). Syracuse University.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. The social identity theory of intergroup behavior. In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. G. (Org.). *Psychology of Intergroup Relations*. Chicago: Nelson-Hall, 1986.

VISHER, E., & VISHER, J. (2013). *How to build and strengthen stepfamily relationships*. New York: Routledge.

WOMACK, A. B. (2014). *The Myth of the Stepmother: A Qualitative Exploration of the Stepmother Experience in a Complex Stepfamily System* (PhD Dissertation). *Stepparent role strain and psychological distress*. (2008). *Psicothema*, 20(4), 867–873. *Characteristics of stepfamilies and maternal mental health compared with non-stepfamilies in Japan*. (2017). *Environmental Health and Preventive Medicine*, 22(65). Disponível em < <https://doi.org/10.1186/s12199-017-0658-z> >. Acesso em: 15 de outubro de 2025.

ZIPES, J. *Why Fairy Tales Stick: The Evolution and Relevance of a Genre*. New York: Routledge, 2006.